

## A verdadeira face de tudo

Começa a 12ª edição do "É Tudo Verdade" que homenageia este ano Krzysztof Kieslowski

CHRISTIAN PETERMANN  
São Paulo

Chega a época do ano em que a verdade se diz obrigatória nas telas: é tempo do "É Tudo Verdade" — 12º Festival Internacional de Documentários, principal evento dedicado à cultura documental na América Latina, que teve início ontem (dia 22) em São Paulo e começa hoje (23) no Rio, homenageando o cineasta polonês Krzysztof Kieslowski (1941-1996).

O festival cumpre mais uma vez a função cultural e educativa: pela primeira vez no País será exibida boa parte da produção documental do diretor, em geral no formato curta-metragem, toda anterior à incursão na ficção que o consagrou e que incluiu o "Decálogo" (1987/88), de onde se derivou a obra-prima "Não Amarás", e pela admirável trilogia das cores: "A Liberdade é Azul" (1993), "A Igualdade é Branca" (1994) e "A Fraternidade é Vermelha" (1994, seu último filme).

A retrospectiva da obra documental de Kieslowski, com 17 dos 22 documentários que dirigiu, abarca os anos de 1966, quando ainda estudava na Escola de Cinema de Łódź, a 1980. Co-realizada pelo consulado da Polônia e pela FilMOTEKA Narodowa, a mostra inclui ainda três filmes sobre o cineasta: "Eu Estou Mais ou Menos" (1995), de Krzysztof Wierzbicki, sobre o último ano de vida do diretor; "Meu Kieslowski" (2005), de Irina Volkova, sobre seu legado na Polônia atual, com depoimentos de sua filha, Marta Hryniak; e "Ainda Vivo — Um Filme Sobre Kieslowski" (2006), de Maria Zmarz-Koczanowicz, uma revisão de sua obra.

O saudoso mestre começou a estudar cinema pensando em aplicar os conhecimentos na direção para teatro. Felizmente, para os cinéfilos, ele mudou de opinião. Serão exibidos três curtas realizados durante seus estudos. "O Bonde" (1966), sem diálogos, é lúdico ao mostrar, à noite, um garoto tentando fazer uma menina sorrir — an-



"O Bonde" (acima), filme lúdico e sem diálogos, e "O Escritório", ambos de 1966, dirigidos por Kieslowski

teve-se aqui muito da delicadeza que lhe foi peculiar em toda a filmografia: "O Escritório" (1966) foi filmado com câmera escondida e mostra, em involuntário humor negro, o absurdo burocrático de um escritório; e "Concerto dos Desejos" (1967) acompanha uma jovem que viaja num ônibus tomado por jovens alcoolizados apenas para reaver sua mala.

Pouco antes de se formar, Kieslowski publicou uma tese intitulada "Realidade e o Filme Documentário", na qual defendeu que a realidade é muito mais estranha e dramática do que a ficção. Fiel a esse conceito estético, ele realizou seu filme de formatura, "Da Cidade de Łódź" (1968). Aplicando o método apre(c)ndido com o professor Kazimierz Karabasz, o cineasta, que nasceu e morreu em Varsóvia, observa a cidade em que viveu por muitos anos para criar um retrato intimista e em preto-e-branco, marcado



pelo afeto. Como ele mesmo descreveu: "Ela é singularmente pitoresca com seus prédios dilapidados, suas escadarias dilapidadas, suas pessoas dilapidadas." Este voyeurismo se tornou depois notável na maneira como sua câmera aprendeu a acompanhar os personagens com elegância e respeito.

Mas os tempos eram explosivos, com fortes dissidências ao Partido Comunista gerando

um grupo jovem atento ao Maio de 68 em Paris e às eclosões contraculturais em todo o mundo ocidental. Kieslowski fez parte ativa disso. Apesar da forte censura e repressão, os jovens rebelavam-se contra a propaganda do partido. O documentário transformou-se numa tênue válvula de escape, em que realizadores e espectadores identificavam suas inquietudes. "Aquele época", explicou o di-

retor, "havia uma necessidade — muito excitante para nós — de descrever o mundo. O mundo comunista descreveu-se como ele deveria ter sido, e não como ele de fato foi."

Em seguida, ele realizaria "Eu Era um Soldado" (1970), iluminado de forma expressionista, que quebra com a imagem gloriosa do soldado propagada pelo partido para mostrar uma conversa entre oficiais que ficaram cegos no campo de batalha. Eles falam de seus sonhos e do alto preço que pagaram. Naquele mesmo ano, os conflitos trabalhistas na Polônia se acentuaram. Ele realiza então, entre outros, "A Fábrica", que mostra um dia de trabalho na fábrica de tratores Ursus, em que os trabalhadores são obrigados a atingir uma cota estabelecida a despeito das condições precárias.

Kieslowski não ficou alheio à decepção crescente da população. "Em Pedreiro" (1973), por exemplo, ele foca sua câmera em Josef Maleza, um antigo trabalhador exemplar e ativista que, após outubro de 1956, "com a entrada da Coca-Cola", desiste da carreira no partido, da "revolução através do trabalho", e se torna mais um pedreiro comum. Em contrapartida, o cineasta foi corajoso ao, em "Curriculum Vitae" (1975), escalar um ator para interpretar um trabalhador se defendendo diante do verdadeiro Comitê Diretor do Partido.

Com raro (e ótimo) uso de trilha sonora em sua obra documental, ele cria aqui um thriller que trata o excludido do partido como um delinquente social. Até hoje este filme é controverso na Polônia e dentro da filmografia de Kieslowski, que declarou ter concebido o roteiro de forma totalmente independente.

Ao mesmo tempo, o cineasta fez muito do que esteve ao seu alcance para ajudar algumas

peças. No média-metragem "Primeiro Amor" (1974), uma encomenda da TV polonesa, ele acompanha sete meses na vida de um jovem casal, os cinco últimos meses de gravidez dela e os dois primeiros meses de vida do bebê. Para Kieslowski, o artista deve achar na realidade uma situação com dramaturgia própria para realizar um documentário. E, com o intuito de oferecer um "final feliz" a este filme meio oficial, ele conseguiu negociar com as autoridades um apartamento novo para a família recém-constituída.

Outro interessante curta é "Do Ponto de Vista de um Guarda Noturno" (1977), que apresenta talvez o único protagonista abjeto de toda a carreira do diretor. Marian Osuch é um porteiro fanático por disciplina, entusiasta do controle rígido, crítico da juventude "que tem muita liberdade com seus cabelos compridos e jeans apertados" e defensor da pena de morte. E talvez o mais pessoal de todos os curtas seja "X-Ray" (1974), que foi realizado em Sokolow, onde ele viveu na infância enquanto seu pai foi tratado e morreu de tuberculose num sanatório local.

Para fechar a seleção, nada melhor do que um de seus últimos documentários, "Cabeças que Falam" (1980), que mostra dezenas de pessoas que respondem para a câmera quem são e o que querem da vida. A idade dos entrevistados é crescente, vai de pessoas que nasceram em 1977 até quem nasceu em 1880. É curioso como jovens e adolescentes querem melhores relações entre as pessoas e querem manter a coerência ética na vida. A medida que amadurecem, tornam-se céticos e pessimistas. E os mais velhos querem apenas buscar o sonho perdido. Kieslowski registrou com atenção, bom senso e reverência o homem polonês. Que, como se vê, não é muito diferente do brasileiro...

O festival se estende até o dia 1º de abril. Depois, segue para Brasília (3 a 15 de abril), Campinas (9 a 15 de abril) e Porto Alegre (23 a 29 de abril).

## O impacto do documentário

Não é só de Kieslowski que se faz o É Tudo Verdade deste ano. O fundador e diretor Amir Labaki é bastante entusiasta em destacar as novidades. Em primeiro lugar, aborda o novo patamar do prêmio Petrobras para o melhor documentário brasileiro — RS 100 mil —, a ser escolhido por júri entre sete longas e médias inéditos. Além disso, aponta para um sinal claro de mudança na filosofia de mercado pelo fato de a rede Cinemark tê-lo procurado por conta própria para oferecer uma sala do recém-inaugurado multiplex Eldorado para integrar o circuito de São Paulo.

Labaki ressalta a importância de trazer o público do Cinemark ao festival. Ele diz: "Ter o Cinemark como co-financiador, mesmo tímido, é sinal do bom momento do documentário brasileiro. Afinal, há três anos que um terço das estréias nacionais são documentais. E este salto quantitativo é internacional, o impacto digital é fato."

Outra inclusão é a da competição específica para curtas-metragens nacionais e internacionais, consagrando a importância do formato. Antenada com as novas expressões, a produção também providenciou a inclusão no YouTube de trailers dos filmes brasileiros

em competição ([www.youtube.com/watch?v=j1YqkIQCVI](http://www.youtube.com/watch?v=j1YqkIQCVI) para longas/médias e [www.youtube.com/watch?v=Q1FQ9vhK31](http://www.youtube.com/watch?v=Q1FQ9vhK31) para curtas), incrementando a comunicação com o espectador jovem, que comparece em número crescente a cada ano. E Labaki tem ainda muito orgulho de possibilitar um feito bastante raro: a parceria, mesmo que indireta, de dois grupos bancários — o Banco do Brasil oferece seu Centro Cultural como sala principal do circuito exibidor, enquanto o Itaú entra com o Itaú Cultural, sede da importante 7ª Conferência Internacional do Documentário, que este ano discutirá a ética, assunto mais do que pertinente.

Entre os programas especiais, destacam-se ainda uma homenagem aos vinte anos do Festival Internacional de Documentários de Amsterdã, a

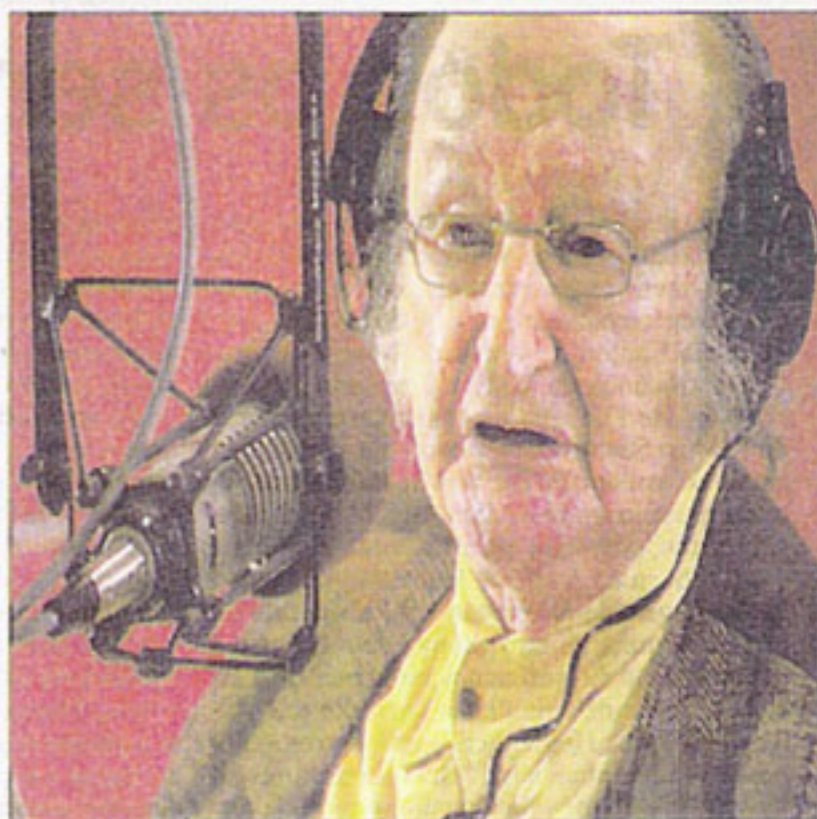


Michael Moore vira alvo de Debbie Melnyk

"Cannes dos documentários", segundo Labaki, uma mostra dos curtas experimentais do jurado norte-americano Jay Rosenblatt e o importante resgate da obra do documentarista Linduarte Noronha, que marcou a aurora, nos anos 60, da escola documental paraibana. Na coletiva de imprensa, Labaki não cansou de ressaltar sua contribuição renovadora para o documentário brasileiro moderno.

Na homenagem, serão exibidos, entre outros, seus três filmes ("Aruanda", 1960; "O Cajuero Nordestino", 1962; e "O Salário da Morte", 1970) e um retrato seu realizado pelo mestre Geraldo Sarno ("Aruanda Vista por Linduarte", 2000).

A linha curatorial do É Tudo Verdade sempre priorizou obras de caráter político. Reflexo de um quadro global perturbador, o caráter crítico e denunciatório das obras torna-se este ano ainda mais evidente. É natural, por exemplo, a presença de um bom número de obras a tratar dos muitos conflitos no Oriente Médio, em especial o da guerra do Iraque. Fora de competição, será exibido "Iraque em Fragmentos", de James Longley, um contundente retrato do país destruído pela guerra, dando voz, em três partes, a sunitas, xiitas e curdos. Na competição internacional, há também "Fantasmas de Abu Ghraib", de Rory Kennedy, que ouve vítimas iraquianas e soldados americanos acusados de tortura na prisão-título, e o importante "Fabricando Polêmica: Desmascarando Michael Moore", de Debbie Melnyk e Rick Caine, que desnuda as manipulações da verdade por parte de Michael Moore, inclusive no consagrado "Fahrenheit 11 de Setembro". É um título de vital relevância, ainda mais



"Adeus, América", em que Sergio Oksman entrevista Al Lewis

na edição que discutirá a ética em sua Conferência.

Ótimas opções são também os filmes exibidos na abertura do É Tudo Verdade em São Paulo, que aconteceu ontem (dia 22), e no Rio de Janeiro, que acontece na noite de hoje (23). Curiosamente, ambos são retratos íntimos e carinhosos de dois personagens ímpares, dois homens na terceira idade soltando o verbo sobre suas vidas, obra e experiência. Em São Paulo, foi exibido "Adeus, América", de Sergio Oksman, paulistano radicado há dez anos na Espanha, que entrevistou Al Lewis (1910-2006), o eterno avô da Família Monstro,

que aqui revela uma insuspeita faceta engajada. No Rio, será exibido logo mais à noite "Santiaogo", o novo trabalho de João Moreira Salles, sobre o mordomo da casa da Gávea, Santiago Badarotti Merlo, que acompanhou diretamente os vinte primeiros anos da vida do cineasta. Amante da ópera, da poesia e de lutadores de boxe, o mordomo radiografou, em milhares de folhas datilografadas, todas as famílias nobres conhecidas do mundo civilizado. Um personagem tão lúdico é perfeito contraponto à matéria-prima cruel de muitos dos registros do "É Tudo Verdade".

(C.P.)